



Coordenação-Geral de Comunicação Social
Clipping 184/19 – quinta-feira, 21 de fevereiro

Jornal Diário do Amazonas

Superintendente Alfredo Menezes conhece demandas do Polo de Duas Rodas – 03

Jornal do Commercio

Coluna Frente & Perfil – 04

Coluna Follow-Up: “SUFRAMA – Comunicação, Educação e Compromisso” – 05



Superintendente Alfredo Menezes conhece demandas do Polo de Duas Rodas

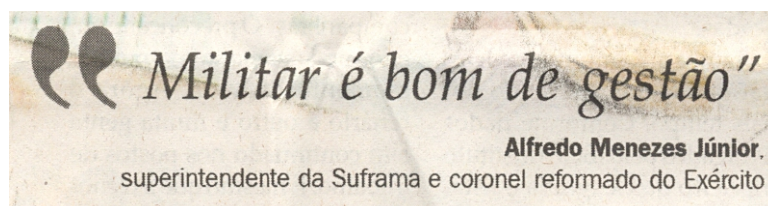
O superintendente da Zona Franca de Manaus, Alfredo Menezes, reuniu-se, na manhã de ontem, na sede da Suframa, com dirigentes da Associação Brasileira dos Fabricantes de Motocicletas, Ciclomotores, Motonetes, Bicicletas e Similares (Abraciclo), a fim de conhecer demandas do setor de Duas Rodas e acentuar parcerias institucionais visando ao fortalecimento do segmento no

Polo Industrial de Manaus (PIM). No início da reunião, o presidente da Abraciclo, Marcos Fermanian, fez uma apresentação buscando ressaltar dados e indicadores gerais que demonstram a importância do Polo de Duas Rodas para a região, entre os quais a contribuição com quase 15% do faturamento global do PIM, a geração de 12,5 mil empregos diretos e a participação em quase

25% do total de salários, encargos trabalhistas e benefícios sociais registrados no Polo.

O superintendente Alfredo Menezes buscou conhecer, sobretudo, as demandas e os desafios do segmento como a logística e a infraestrutura da região, bem como Processos Produtivos Básicos (PPBs) que estão pendentes de análise – casos específicos do PPB de bicicletas elétricas e do PPB de motocicletas – e indefinições quanto à política ambiental ligada ao segmento, que poderá interferir nos custos.







**Follow-Up
 EMPRESARIAL**

EDITOR RESPONSÁVEL
ALFREDO MR LOPES*

**Entrevista com o empresário e
 economista Jaime Benchimol
 Parte II**

**FUP – Então, para onde vamos?
 Quais as nossas alternativas? Quais
 as nossas vocações?**

JB – O PIM - Polo Indústria de Manaus fatura cerca de R\$80 bilhões e agrega em valor regional cerca de 20%-25%, i.e., R\$16 a R\$ 20 bilhões à economia do Amazonas. Porém, no cenário mais pessimista metade das indústrias ainda irá sobreviver e assim precisamos substituir algo como 50% ou R\$10 bilhões em valor agregado. O primeiro atrativo é a mineração que pode gerar cerca de R\$6 bilhões de valor agregado adicional com a exploração de petróleo, gás, estanho, calcário, potássio, ouro, caulim, nióbio, urânio, tântalo, terras raras, etc. Outra vocação é o turismo, que podemos multiplicar por quatro o número de turistas/ano (atualmente 200mil). Com isso, geráramos R\$ 2 bilhões de valor agregado. Fizemos muito pouco nessa área até aqui. Nossas principais âncoras são o Teatro Amazonas, construído na gestão Eduardo Ribeiro em 1896 e o Encontro

das Águas, feito por Deus. O Festival de Parintins sobrevive com generosos subsídios. Temos outros ventos folclóricos e talento de sobra para gerar alegria, nem tanto para produzir tecnologia. Temos que preparar a cidade para destino de cruzeiros. Faltam observatórios de floresta, teleféricos, aquários, jardins botânicos, orquidários, zoológicos, serpentinários, museus indígenas, museus de ciências naturais, observatórios de pássaros, zip-line, tirolesas, eventos aquáticos, caiaques, motonáutica, natação, corridas, trilhas, torneios de pesca de tucunaré etc. Além de tudo isso, temos vocações efetivas para agricultura, fruticultura, piscicultura e daí podemos amearhar R\$ 1,5 bilhão em valor agregado pois o segmento de alimentos apenas no Amazonas adquire cerca de R\$ 40 bilhões por ano em compras do restante do Brasil. Para aumentarmos a produção podemos estruturar corredores de agropecuários ao longo das estradas: BR 174, BR 319, AM 10, AM 70 que possuem boa pavimentação e eletrificação. A logística de grãos produzidos no Mato Grosso e destinados a exportação pode representar até R\$ 1,5 bilhão adicionais de valor agrega-

do se alcançarmos 10mm ton/ano de transporte e armazenagem. E há ainda os produtos extrativos da floresta, especialmente a madeira, que pode agregar até R\$ 1 bilhão/ano se mudarmos a legislação ambiental que criou riscos e custos excessivos aos produtores. A construção naval pode contribuir com até R\$ 0,5 bilhão de valor agregado em produção de balsas, empurradores, embarcações de transporte e de lazer pois temos na Amazônia mais de 200 mil embarcações em circulação. Por último, devemos trabalhar para que instituições de apoio a geopolítica como o Comando Militar da Amazônia, a Base Naval e a Base Aérea se sintam acolhidas pois elas podem agregar cerca de R\$ 0,5 bilhão anualmente a nossa economia. No total podemos chegar a um total de cerca R\$ 13 bilhões e assim substituir mais da metade do que é atualmente gerado de valor pelo Polo Industrial de Manaus em um prazo de 10 a 20 anos.

FUP – E por que esses investimentos não estão acontecendo?

JB – Essa resposta remete a uma reflexão mais profunda que sugere premissas liberalizantes (e polémicas)

O liberalismo econômico e a Zona Franca de Manaus

para estimular a economia do Amazonas e da Amazônia. A primeira delas considera que o modelo econômico atual do estado do Amazonas baseado principalmente nos benefícios fiscais da ZFM produziu resultados muito positivos ao longo de 50 anos, mas é frágil e difícil de sustentar no futuro diante das pressões por maior eficiência e abertura econômica e também em razão das mudanças tecnológicas. Essa modelagem fiscal nos tirou a iniciativa sobre nosso futuro. É hora de priorizar as nossas verdadeiras vocações e depender menos do estado brasileiro.

FUP – Por que espantamos novos investidores?

JB – O modelo institucional atual criou barreiras ambientais, legislativas, regulatórias, culturais que desestimulam os investimentos privados ao mesmo tempo que o setor público se mostra incapaz e incompetente em realizar investimentos produtivos e viáveis. A promoção da competição, a liberdade de empreender, o bem-estar do consumidor e o retorno ao investidor são os conceitos centrais desse projeto.

FUP – A chave de segurança, então, passa pela redução da máquina pública?

JB – Temos que responder à seguinte pergunta: É possível estimular o investimento e o crescimento econômico sem usar recursos públicos e sem depender tanto de autorizações federais? A grande maioria das atividades econômicas, inclusive de infraestrutura podem ser feitas com investimentos privados. Vejamos o que aconteceu no Pará, onde uma série de investimentos de portos e balsas de grãos na Amazônia saíram do papel. Os amazonenses, amazônidas, brasileiros e estrangeiros que desejem investir na Amazônia devem receber o mesmo tratamento. E mais: os amazonenses têm o direito de usar uma parcela maior do seu território para assegurar o seu futuro. Sugiro usarmos até 7,5 milhões de ha ou 5% da área de floresta, lagos e rios (ao invés dos 2% utilizados atualmente) para aproveitar e explorar o potencial econômico do estado. Nosso posicionamento atual a favor de uma economia verde tem nos tornado reféns do ambientalismo radical.

FUP – Dá a impressão que removeram o fator humano do centro das prioridades governamentais?

JB – O homem, e a geração atual, não pode deixar de ser parte central da equação e do modelo que queremos construir para o nosso futuro. O papel central do estado e das instituições públicas e privadas, para este projeto, é remover os obstáculos que atualmente elevam demasiadamente os custos, o tempo e os riscos para o empreender na região com intrincadas licenças ambientais, LI, LO, IPHAN, PMM, IPAAM, condicionantes de licenças, etc., etc.. Os direitos a exploração de atividades econômicas inerentes ao poder público que não puderem ser desregulamentados, deverão ser privatizados através de leilões e licitações de forma transparente, uniforme e ágil nos níveis municipais, estaduais e federais evitando-se a concessão de privilégios que distorcem a boa alocação de recursos.

Jaime Benchimol é empresário Amazonense, Mestre em Economia, Berkeley, Universidade da Califórnia e viveu no cotidiano familiar as reflexões e sabedoria de Samuel Benchimol, seu genitor.

*esta Coluna é publicada às quartas, quintas e sextas-feiras, de responsabilidade do CIEAM. Editor responsável: Alfredo MR Lopes. cieam@cieam.com.br